

A autoria de uma frase célebre

Theophilo de Andrade

RIO — Em artigo recente, atribui a autoria da conhecida frase "o Brasil é um País essencialmente agrícola" a Martinho de Melo e Castro. A propósito, recebi carta do meu eminente amigo dr. Francisco de Paula Vicente de Azevedo, datada de São Paulo, 29 de maio, em que contesta aquela autoria e que, pelo interesse da matéria, transcrevo a seguir:

"Com os meus cumprimentos, venho renovar o apreço e admiração com que acompanho os seus brilhantes artigos publicados diariamente nos "Diários Associados" e que representam um grande e constante serviço prestado à economia nacional e, principalmente, ao café, o sustentáculo do Brasil, tão injustiçado e perseguido.

Ontem, li no DIÁRIO DE S. PAULO o artigo intitulado "A vergonha do feijão", sem dúvida uma verdadeira vergonha, se não tivesse sido hoje desmentida oficialmente a projetada importação desse artigo. Antes assim...

Há, ali, entretanto, uma referência à qual me permito fazer uma observação: é quando atribui a conhecida frase "o Brasil é um País essencialmente agrícola" a Martinho de Melo Castro.

Não sei quando este a tenha pronunciado; mas sei que meu bisavô materno, o dr. Francisco de Assis Vieira Bueno, a empregou em 1865, em documento oficial, quando era presidente do Banco do Brasil, e desde então, foi considerado como o autor da mesma frase, que, aliás, na época lhe valeu não pequenos remoqueos.

O dr. Francisco de Assis Vieira Bueno, nascido em São Paulo em 27 de agosto de 1816, bacharelou-se em Direito em 1841, foi juiz em Taubaté e Bragança, advogado em Sorocaba, onde constituiu família, indo, em 1856 para o Rio de Janeiro, e ali se estabeleceu com casa de fazendas e generos por atacado e foi um dos fundadores do Banco do Comércio. Estudioso de assuntos econômicos, escrevia frequentemente nos jornais, especialmente no "Jornal do Commercio", adquirindo grande renome como conhecedor dos problemas da época, o que o levou, em maio de 1864, à presidência do Banco do Brasil.

No exercício deste cargo, sentindo a grande falta de um crédito adequado para a agricultura, propugnou pela criação de uma Carteira Agrícola, que julgava indispensável para um país "essencialmente agrícola"; e não tendo sido incluída esta providência na reforma que o governo imperial propôs à Camara dos Deputados, em

9 de abril de 1866, julgou-se desautorado e deixou o cargo no dia seguinte. Foi logo depois reconduzido à diretoria do Banco do Brasil, por ter sido eleito representante dos acionistas particulares que, então, tinham direito a um lugar na mesma, e aí permaneceu durante vários anos. Em 1872 fundou o Banco Industrial e Mercantil do Rio de Janeiro, que presidiu até 1878, quando se transferiu para São Paulo. Entrementes, fundara, e dela foi presidente também até 1878, a Companhia Brasil Industrial, que construiu a maior fabrica de tecidos da época, junto à Estação de Belém, da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Em São Paulo, o dr. Vieira Bueno se dedicou à lavoura do café, fundando uma grande fazenda em Brotas, a qual denominou "Mundo Novo" e na qual empregou os métodos mais modernos então conhecidos.

Em 1891, já em idade avançada, fixou residência em Campinas onde já residia seu filho, o dr. Manoel de Assis Vieira Bueno, médico notável, que por várias vezes ocupou o cargo de Intendente Municipal e que, pelos serviços prestados, mereceu a ereção de uma herma pela Municipalidade campineira. Em Campinas veio a falecer, com 92 anos completos, em 9 de setembro de 1908.

Dedicado ao cultivo das letras, o dr. Vieira Bueno publicou varios livros de poesias, tendo traduzido em verso, do inglês, os poemas "O Corsario", de Byron, e "Evangelina", de Longfellow, que teve grande repercussão pela comparação com a tradução, posterior, do dr. Franklin Doria, Barão de Loreto.

Durante toda a sua vida, que bem retrata na "Auto Biografia" que publicou em 1899 (Tipografia "Livro Azul", Campinas, de Castro Mendes & Irmão), o dr. Vieira Bueno escreveu para jornais; publicava artigos semanais, e tendo falecido quase repentinamente num sabado, no dia seguinte ainda saiu publicado o artigo que na vespera remetera ao jornal, do qual um exemplar foi colocado em seu esquite.

Eis, em traços rápidos, o que foi a vida do dr. Francisco de Assis Vieira Bueno, meu bisavô, que sempre considerei, e considerarei até prova em contrário, o autor da celebrada frase "o Brasil é um País essencialmente agrícola", tão bem e oportunamente mencionada em seu artigo".

Anoto a revindicação em favor do illustre paulista dr. Francisco de Assis Vieira Bueno, quanto a paternida-

de da frase que tem sido atribuída a várias pessoas, inclusive a Martinho de Melo e Castro, que teria sobre os outros precedência histórica pois foi o ministro que veio do governo do marquês de Pombal, e serviu à rainha D. Maria I. E' ele responsável pelo alvará de 5 de janeiro de 1785, que determinou a extinção das industrias do Brasil, que haviam sido incrementadas nos governos dos vice-reis D. Antonio de Almeida Soares e Portugal, primeiro Marquês de Lavradio, e Luis de Vasconcelos.

Naquele documento, foi denunciada a existência de "grande numero de fabricas e manufaturas" e se ordenava que todas "fossem extintas e abolidas em qualquer parte" onde se achassem no Brasil.

Pedro Calmon, em sua "História do Brasil" (José Olimpio, 1959) Volume IV, pág. 1217, comenta: "Os moradores que se dessem à lavoura, desistindo de ser "artistas e fabricantes..." Não lhe credita, porém, a frase atribuída a varios, mas, em geral, dada como sendo da autoria de José Joaquim Rodrigues Torres, Visconde de Itaboraí (1802-1872), senador do Império, ministro varias vezes, e que foi o fundador do Banco do Brasil.

Se, de minha parte, dei a paternidade ao ministro da D. Maria I, não o fiz no ar, nem por lapso de memória, mas baseado em historiador não menos illustre, que foi Max Fleiuss. Encontra-se a referencia na Memória que sobre a "História da Imprensa" escreveu para o "Dicionário Histórico e Geografico do Brasil", publicado pelo Instituto Histórico e Geografico Brasileiro (Imprensa Nacional, 1922), em comemoração à passagem do primeiro centenário de nosa independência. Com efeito, á página 1552, comentando aquele famoso alvará de 5 de janeiro de 1785, acrescenta: ... pois na decantada frase de Martinho de Melo e Castro, que ainda hoje anda em voga, era mister vivesse a nosa terra em exclusivo da lavoura por ser "um país essencialmente agrícola".

De resto, a frase parece de uso universal, pois a encontramos também em francês, citada por um autor que, muito provavelmente, não era familiarizado nem com Martinho de Melo e Castro, nem com o Visconde de Itaboraí, nem com o Dr. Francisco de Assis Vieira Bueno. E' ele Henry Girar que, em livro intitulado "Um Domaine dans le Delta" (Bauvais, 1901), escreveu, á pagina 19, que o Egito é "un pays essentiellement agricole".